

NOSSA SENHORA DE LORETO

Memória

Francisco Fernández Carvajal

Segundo uma antiga tradição, conserva-se no Santuário de Loreto a santa casa em que a Virgem nasceu e recebeu o anúncio da sua divina maternidade. O pequeno edifício, tal como aparece hoje, consiste num recinto rectangular, construído com pedras arenosas unidas por argamassa de barro; a parte superior é de tijolo. As paredes não são visíveis do exterior, pois receberam no século XVI um revestimento de mármore. A imagem da Virgem é obra recente, e substitui uma anterior do século XVI, que foi destruída no incêndio de 1921. Loreto é desde há muito tempo centro de peregrinação e foco de piedade cristã.

O culto da Santíssima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora de Loreto “está ligado, conforme uma antiga e viva tradição, à casa de Nazaré, a casa em que, como recorda o Evangelho da Missa de hoje, Maria morou depois dos desposórios com José, a casa da Sagrada Família”¹: o lar que São José deve ter instalado com tanto carinho para receber Santa Maria. Essa casa foi em primeiro lugar a casa de Maria, “pois toda a casa é, antes de tudo, santuário da mãe. E ela configura-o de modo especial com a sua maternidade”².

Deus deseja “que os filhos da família humana, ao virem ao mundo, tenham um teto sobre a sua cabeça, que tenham uma casa. No entanto, a casa de Nazaré, como sabemos, não foi o lugar onde nasceu o Filho de Maria e Filho de Deus. Provavelmente, todos os antepassados de Cristo – de que nos fala a genealogia do Evangelho de hoje segundo São Mateus – vieram ao mundo sob o teto de uma casa. Isso não foi concedido a Cristo. Nasceu como um estranho em Belém, num estábulo. E não pôde voltar à casa de Nazaré, porque, obrigado a fugir para o Egipto pela crueldade de Herodes, só depois da morte do rei é que José se atreveu a levar Maria e o Menino para o lar de Nazaré. E daí por diante essa casa foi o lugar da vida quotidiana, o lugar da vida oculta do Messias, a casa da Sagrada Família. Foi o primeiro templo, a primeira igreja em que a Mãe de Deus irradiou a sua luz com a sua maternidade”³.

As paredes dessa casa testemunharam o amor entranhado dos membros da Sagrada Família, o trabalho escondido daqueles a quem Deus mais amou neste mundo. Cheia de luz e de amor, limpa, alegre, essa casa é o modelo de todos os lares cristãos. Nela devia reflectir-se a alma de Maria. Os modestos objectos de adorno, a ordem, a limpeza, deviam fazer com que Jesus e José, depois de um dia de trabalho, encontrassem descanso junto de Nossa Senhora. O cuidado material dos nossos lares, às vezes marcados por uma grande pobreza, instalados com uns móveis modestos, nunca deixa de ter importância para essa convivência em que devemos encontrar a Deus. A Virgem Maria ensina-nos hoje que deve ser também demonstração de caridade para com os outros.

Perante o céu, aquela casa de Nazaré resplandecia de luz, porque ali estava a *Luz do mundo*. No calor da intimidade daquele lar, o Filho de Deus foi crescendo, até que chegou o tempo pré-fixado desde a eternidade para iniciar a sua pregação pelas cidades e aldeias. Contudo, deve ter recordado sempre aquelas paredes e aquele lugar pobre, mas humanamente grato. E quando, no seu ministério público, voltou a Nazaré, recordou certamente os momentos inesquecíveis passados junto de sua Mãe e São José. Por sua vez, entre as coisas que Santa Maria guardava em seu coração⁴, estariam sem dúvida tantos pequenos episódios correntes do seu Filho, que foram a alegria da sua alma. “Não esqueçamos que a quase totalidade dos dias que Nossa Senhora passou na terra decorreram de forma muito parecida à de milhões de outras mulheres, ocupadas em cuidar da família, em educar os filhos, em levar a cabo as tarefas do lar.

Maria santifica as coisas mais pequenas, aquelas que muitos consideram erroneamente como intrascententes e sem valor: o trabalho de cada dia, os pormenores de atenção com as pessoas queridas, as conversas e visitas por motivos de parentesco ou de amizade. Bendita normalidade, que pode estar repassada de tanto amor de Deus!”⁵

Deus quer que os seus filhos nasçam, vivam e se formem num lar, que deve ser imitação do de Nazaré. Ainda que a mulher possa ser chamada a desempenhar funções capitais em outros trabalhos para o bem da sociedade, a dedicação ao cuidado do lar ocupará sempre um lugar central na sua vida, pois é ali que, através de uma infinidade de detalhes, exerce principalmente a sua maternidade, a missão mais excelsa que recebeu do Senhor. E marido e mulher não devem esquecer “que o segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida de chegarem ao lar; no trato afectuoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que toda a família colabora; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso enfrentar com desportivismo; e também no aproveitamento de todos os avanços que nos proporciona a civilização, para tornar a casa agradável, a vida mais simples, a formação mais eficaz”⁶.

Na Sagrada Família, temos o modelo que devemos contemplar muitas vezes. “Nazaré é a escola em que se começa a compreender a vida de Jesus: a escola do Evangelho. Aqui se aprende a olhar, a escutar, a meditar e a penetrar o significado, tão profundo e tão misterioso, dessa muito simples, muito humilde e muito bela manifestação do Filho de Deus entre os homens. Talvez se aprenda até, insensivelmente, a imitar essa vida”⁷. Quantas vezes, na nossa oração mental, não teremos *entrado* nessa modesta casa de Nazaré e contemplado Jesus, Maria e José enquanto trabalhavam, e nos inúmeros pormenores de carinho que teriam entre eles na convivência diária!

Examinemos hoje se os nossos lares são um reflexo do lar de Nazaré: se procuramos que Jesus ocupe o centro dos nossos pensamentos e do amor de todos, se mantemos aceso o espírito de serviço, se nos esforçamos por tornar amável a vida dos outros; ou se, pelo contrário, se dão brigas frequentes, se nos preocupamos excessivamente com as nossas

coisas, se por pressão do ambiente abandonamos esses costumes cristãos que tanto ajudam a ter Deus presente: a bênção dos alimentos, a recitação de alguma oração em comum, a assistência à Missa do domingo...

“Que grande exemplo de convivência quotidiana! – afirmava Leão XIII, referindo-se à Sagrada Família –. Que imagem perfeita de um lar! Ali vive-se com simplicidade de costumes e calor humano; em constante harmonia de sentimentos; sem desordem, com respeito mútuo; com amor sincero, sem fingimentos, plenamente operativo pela perseverança no cumprimento do dever, que tanto atrai os que o contemplam”⁸. É para ali que devemos olhar, se queremos reproduzir nas nossas famílias o exemplo de Jesus, Maria e José.

O *calor de lar* não depende apenas da mãe – ainda que a sua função não seja facilmente substituível –, mas do contributo pessoal de cada um. Devemos viver pensando nos outros, usar das coisas de tal maneira que sempre haja algo a oferecer aos outros, cuidar das tradições próprias de cada família...

Quanta semelhança pode haver entre a nossa vida e a de Jesus, Maria e José no lar de Nazaré! Ali, tudo transcorreu na mais completa normalidade, sem acontecimentos de grande relevo externo.

O Senhor não nos pede coisas chamativas. Busca-nos, porém, na nossa família, em mil pequenos pormenores de entrega: sorrir para aquele que está mais cansado, antecipar-se a servir os outros, não manifestar desagrado por coisas de pouca importância, vencer o mau humor para não azedar a vida dos outros, festejar em família esses aniversários e festas especialmente ligados a todos...

“Aceita, ó Senhora de Loreto – orava o Papa João Paulo II nesse Santuário –, Mãe da casa de Nazaré, esta minha e nossa peregrinação, que é uma grande oração comum pela casa do homem da nossa época: pela casa que prepara os filhos de toda a terra para a casa eterna do Pai no Céu”⁹.

Pedimos à Virgem de Loreto que nos ensine a cuidar do nosso lar como lugar querido por Deus para aprendermos e praticarmos as virtudes humanas e sobrenaturais, para restaurarmos as forças perdidas e alcançarmos assim uma maior eficácia no serviço que prestamos à sociedade com o nosso trabalho e por meio do apostolado. Pedimos-lhe que as nossas casas “sejam esses lares vivos de amor onde o homem pode encontrar calor todos os dias”¹⁰, e que sejam uma antecipação da Casa do Céu, um *céu* aqui na terra.

(1) João Paulo II, *Homilia em Loreto*, 8-IX-1979; (2) *ib.*; (3) *ib.*; (4) cfr. Lc 2, 51; (5) Josemaría Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 148; (6) Josemaría Escrivá, *Questões atuais do cristianismo*, n. 91; (7) Paulo VI, *Homilia em Nazaré*, 5-I-1964; (8) Leão XIII, Enc. *Laetitiae sanctae*, 8-IX-1893, 3; (9) João Paulo II, *op. cit.*; (10) idem, Exort. Apost. *Familiaris consortio*, 22-XI-1981, 37.